Valmir Zanelato

ALMAS

BRANCAS

DADOS TÉCNICOS

Capa – Gustavo Magnus Zanelato
Diagramação – Elio Moreira
Revisão – Melissa Magnus Zanelato Diniz - Vanessa Magnus Zanelato
Revisão Final – Daniel Aço (www.revisordelivros.com)
End. Autor – Torres - RS – Brasil

Dados de catalogação na publicação – Zanelato - Valmir
Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial sem a autorização por escrito do autor.

ALMAS BRANCAS ------ ROMANCE

237 páginas – 50.819 palavras
ISBN: 978-85-919313-0-9
1ª edição – Dezembro 2014 NLVZ - 004 IDNE - 62
Formatação de capa – Foto Arte - Gustavo M. Zanelato

Direitos de publicação reservados ao escritor. Esta e demais obras do autor podem ser encontradas nos endereços abaixo:
Av. Barão do Rio Branco, 108 – Torres-RS
CEP: 95.560-000 – FONE: (51)3664-3941
Email: zanelatotorres@zanelato.com.br

Também se encontra à disposição no seguinte site:
www.clubedeautores.com.br
www.nossapraiapresentes.com.br

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 8
CAPÍTULO 2 11
CAPÍTULO 3 12
CAPÍTULO 4 17
CAPÍTULO 5 19
CAPÍTULO 6 20
CAPÍTULO 7 22
CAPÍTULO 8 25
CAPÍTULO 9 28
CAPÍTULO 10 30
CAPÍTULO 11 33
CAPÍTULO 12 36
CAPÍTULO 13 43
CAPÍTULO 14 46
CAPÍTULO 15 50
CAPÍTULO 16 52
CAPÍTULO 17 55
CAPÍTULO 18 61
CAPÍTULO 19 67
CAPÍTULO 20 70
CAPÍTULO 21 71
CAPÍTULO 22 74

CAPÍTULO 23 77
CAPÍTULO 24 82
CAPÍTULO 25 85
CAPÍTULO 26 88
CAPÍTULO 27 91
CAPÍTULO 28 93
CAPÍTULO 29 95
CAPÍTULO 30 97
CAPÍTULO 31 104
CAPÍTULO 32 106
CAPÍTULO 33 110
CAPÍTULO 34 114
CAPÍTULO 35 116
CAPÍTULO 36 119
CAPÍTULO 37 122
CAPÍTULO 38 125
CAPÍTULO 39 128
CAPÍTULO 40 131
CAPÍTULO 41 134
CAPÍTULO 42 138
CAPÍTULO 43 143
CAPÍTULO 44 147
CAPÍTULO 45 153
CAPÍTULO 46 159
CAPÍTULO 47 161

CAPÍTULO 48 162
CAPÍTULO 49 167
CAPÍTULO 50 169
CAPÍTULO 51 174
CAPÍTULO 52 176
CAPÍTULO 53 179
CAPÍTULO 54 184
CAPÍTULO 55 190
CAPÍTULO 56 196
CAPÍTULO 57 199
CAPÍTULO 58 203
CAPÍTULO 59 205
CAPÍTULO 60 207
CAPÍTULO 61 210
CAPÍTULO 62 213
CAPÍTULO 63 216
CAPÍTULO 64 219
CAPÍTULO 65 223
CAPÍTULO 66 225
CAPÍTULO 67 227
CAPÍTULO 68 228
CAPÍTULO 69 230
CAPÍTULO 70 234
CAPÍTULO 71 236

CAPÍTULO 1

Ainda não eram onze horas da noite, quando o tão aguardado alerta, sem hora previamente definida, soou aos ouvidos do marido:

– Acho que está na hora! – gritou ela lá do banheiro para ele, que nem fazia uma hora fora se deitar e mal estava a cochilar.

Ele deu um salto da cama, cambaleante, preocupado com a novidade que estava para acontecer. Ainda meio dormindo, foi tirando o pijama e em poucos segundos, de pé e com a bolsa previamente arrumadinha, batia na porta do banheiro com a voz um pouco mais alterada do que de costume.

– Já estou pronto! – com nervosismo, anunciou para a esposa.

Abrindo a porta, sendo espontânea como sempre, Cecília não conseguiu disfarçar o inusitado do momento. Mesmo diante de tal situação de emergência, ela deixou escapar, por entre os lábios, um furtivo e disfarçado sorriso.

Um pouco antes, quando ainda estava na cama, ela sentiu que discretamente, por entre suas pernas, começava a escorrer um cálido líquido. Imediatamente correu ao banheiro para melhor se certificar do que acontecia, se o que ocorria, afinal, era o rompimento da sua bolsa gestacional. Ao se cerificar de que era o líquido amniótico, de lá mesmo anunciou ao marido que a hora havia chegado.

Ao abrir a porta do banheiro, ela logo deu de cara com o marido. Ele estava parado de pé e já segurava a bolsa com os pertences dos bebês, se dizendo pronto para irem à maternidade. Essa cena lhe pareceu cômica por demais e ela sentiu, no nervosismo do marido, que parecia ser ele quem iria dar à luz. Então, lentamente, foi pondo na sacola a roupa que já havia sido preparada para a ocasião. E, enquanto se arrumava com a calma habitual, acabou por deixar o marido mais tranquilo.

Não era ainda meia-noite, apesar do pouco tempo que se passara ter lhes parecido bem mais.

Quando chegaram à maternidade, imediatamente telefonaram para a doutora Márcia, que foi a obstetra que orientou a gestante durante todos os meses do pré-natal. Ao retornar a ligação, ela prometeu que muito em breve chegaria à maternidade. Talvez até nem fosse o momento de dar à luz, mas, com a doutora Márcia por perto, Cecília se sentia muito mais segura. Por isso, quando a porta do quarto se abria para a entrada de uma enfermeira ou para dar passagem a outro funcionário, Cecília logo corria os olhos para ver se era a doutora quem chegava. Àquela hora o tempo parecia não passar para ela, e então, tentando driblar os minutos, a futura mamãe procurou recordar os seus melhores tempos vividos.

Essa era a sua primeira gestação, que sonhada havia sido durante muito tempo, muito antes de conhecer o marido e com ele se casar. Durante toda a sua juventude, apesar de ter namorado alguns rapazes e até de ter gostado muito de um e outro, Cecília, como a maioria das moças, vendo o tempo passar e a idade aumentar, foi ficando cada vez mais apreensiva. Ela sonhava em ter filhos pelo menos dois filhos, mas por

nenhum namorado sentiu haver a ligação certa. Acreditava que existia o amor real, mas jamais estivera verdadeiramente apaixonada. O que sentiu por seus namorados não era o verdadeiro amor, pois em ninguém ela encontrou a pessoa ideal. Não era o amor que seu coração romântico esperava, que nos seus sonhos de menina-moça tanto ansiava. Por mais de uma vez, ela até chegara a pensar que tudo não passava de ilusão sua e de que o amor tão comentado por tantas outras moças, especialmente amigas, o amor das poesias, das loucas palavras citadas pelos poetas, só existia mesmo na sua imaginação e nas doidas palavras de tantos malucos escritores e poetas.

Mesmo estando ciente disso e se mantendo com os pés firmes no chão, a jovem Cecília, além da dura realidade com a qual sempre convivera, nunca menosprezou os seus objetivos de moça sonhadora. Ao certo que ninguém pudesse imaginar que, por detrás daquele rosto alegre e sorridente, com seu carisma e a simplicidade que a todos conquistavam, se escondesse uma jovem sonhadora que ainda acreditava nas historinhas da Cinderela e do Príncipe Encantado. Sim, ela sonhava encontrar alguém que realmente a fizesse feliz e de quem fosse gostar de verdade e puramente pudesse se apaixonar. Sonhava que o enredo de sua vida fosse semelhante aos enredos dos contos de fadas.

CAPÍTULO 2

Cecília sentia que o tempo passava incessantemente e com muita rapidez.

Certo dia, fazendo uma de suas costumeiras visitas a um comércio da cidade onde morava, enquanto, durante algum tempo, explicava ao responsável pelo estabelecimento o seu projeto, que viria ao encontro e em prol do bem-estar comunitário, sucedeu o imprevisto. Em dado momento, chamou-lhe a atenção um senhor que, mesmo um pouco mais distante de onde ela estava, lançava-lhe olhadelas discretas de tempos em tempos. Tais olhares não passaram despercebidos e, quando ela olhava para o homem, ele logo desviava o olhar. Nada mais se passou inicialmente afora as poucas olhadelas dele, para as quais, talvez um tanto pela curiosidade, ela também a ele um pouco as retribuiu.

Em questão de instantes, Cecília notou que nos lábios dele havia um suave, doce e leve sorriso. Por uma fração de segundo, meio sem jeito, baixou ela o seu olhar, sentindo-se momentaneamente um pouco acanhada. Tornou em seguida, porém, a levantar a cabeça, pensando em retribuir ao simpático senhor o sorriso. Mas notou, decepcionada, que o senhor, como num toque de mágica, havia desaparecido de onde estava e de seu raio de visão. Sumira sem deixar quaisquer vestígios de que ali havia estado, parecendo ter se evaporado no ar invisível.

CAPÍTULO 3

Os dias iam se passando, com um sentimento maior de lentidão. Cecília, nem mesmo sabendo o porquê, continuava com a imagem enigmática daquele estranho homem fixa na sua mente. Não era seu conhecido e ela tinha certeza de que jamais o vira, mas alguma coisa, algum detalhe, algo que não conseguia explicar ela o notara nele. Isso a fazia se lembrar dele e em alguns momentos não conseguia tirá-lo do seu pensamento. Sentira já, por mais de uma vez, a estranha sensação de alegria ao rememorar a sua imagem, e, só de imaginar que de uma hora para outra poderia reencontrá-lo, isso a deixava excitada e por demais empolgada.

Pela força do pensamento que ela tanto acreditava existir em cada ser – ou por mera casualidade, talvez –, numa tarde, durante uma das suas andanças pela cidade, quando, como de costume, executava os seus projetos de trabalho, algo novo aconteceu. Ao sair de uma loja de revelação de fotos, onde aproveitou para pegar algumas fotografias que havia deixado para serem reveladas, ao descer o degrau que dava para a calçada, ela, ao olhar para o chão, viu caído a pouca distância um envelope. Juntou-o e o sentiu bem leve, notando que dentro havia algumas poucas fotografias. Porém, como algo se mostrava saliente dentro do não muito espesso papel, Cecília sentiu que havia outras coisas ali guardadas.

Ela olhou para um lado e depois para o outro, mas nada de diferente vislumbrou. Como não havia ninguém

por perto que parecesse estar à procura de algo perdido, movida por impulso natural ela pensou em abrir o envelope e dar uma rápida olhada, pois as fotos poderiam pertencer a algum conhecido seu. Levantou a aba do envelope, retirou as poucas fotografias ali dispostas e, surpresa e atônita, viu que entre aquelas poucas fotos havia uma que estampava o rosto do estranho com quem havia se deparado e trocara furtivos olhares. Remexendo até o fundo do envelope, ela encontrou, com surpresa, duas delicadas alianças.

Um sentimento de alegria e ternura tocou forte e fundo o seu coração. De imediato, vieram-lhe à mente antigas e doces lembranças dos tempos em que era criança. Em cada aliança, sendo uma maior e a outra menor, havia algo enroladinho, que de pronto ela notou serem dois caramelos – duas balinhas coloridas enroladas junto a cada aliança. Com isso, Cecília não pôde deixar escapar discretamente um leve sorriso entre os lábios. Com saudade imensa, recordou-se das aliancinhas e dos brinquedinhos dos seus tempos infantis, quando, com suas amiguinhas, longas horas passavam se divertindo e brincando.

Com a surpresa de ter em mãos as fotos do homem com quem só uma vez cruzara e não mais tirara da sua cabeça, em segundos ela se pôs a raciocinar. Pensou em retornar à loja e deixar lá, à disposição da atendente, o envelope. Era quase certo de que o dono das fotos, mais cedo ou mais tarde, apareceria à procura das fotografias. Porém, outro pensamento lhe veio à mente e a fez deixar de lado essa ideia. De repente ela poderia deixar o envelope na outra loja, lá onde vira e trocara olhares com o desconhecido. Esta poderia ser a

excelente oportunidade de tornar a vê-lo e, para facilitar esse contato, ela deixaria no envelope o número do seu telefone. Teria em mãos um jeito e um motivo para dele se aproximar e descobrir o que a estava deixando tão curiosa e reflexiva.

Parada diante da porta do comércio, segurando o envelope com as duas mãos e não sabendo bem qual decisão tomar, ela permaneceu assim por mais alguns minutos. Muitos pensamentos começaram a borbulhar em sua cabeça e a sua consciência lhe ordenava que o correto era deixar as fotos na loja de fotografias, pois o dono do envelope, mais cedo ou mais tarde, iria até ali. Porém, a sua ansiedade, curiosidade e o desejo de mais brevemente encontrar o estranho acabou falando mais alto.

Ao olhar mais atentamente o envelope, para a parte de cima, picotada, onde deveria constar o nome do cliente, não mais ali a tira se encontrava. Estranhamente, por algum motivo, a parte fora destacada e ela não conseguia entender por que somente o nome faltava. Pelos indícios, parecia que havia sido discreta e propositalmente separada do envelope. Depois, logo abaixo e bem visivelmente, constava o número de um telefone acompanhado pelo endereço completo e outros detalhes.

Num impulso, pensando melhor, Cecília resolveu que levaria o envelope consigo e, havendo oportunidade melhor, ela ligaria a quem de direito o embrulho pertencia. Diria que detinha em mãos as fotos, tendo-as achado, casualmente, enquanto caminhava pela rua. Ao certo que ele viria ao seu encontro e ela poderia conhecê-lo melhor. Cecília saciaria a sua estranha e indefinida curiosidade a

respeito do homem de olhares furtivos tão logo soubesse o seu nome, a sua ocupação, o que fazia e tudo mais que tanto nutria anseio em saber.

Em dado momento, porém, Cecília começou a sentir a ficha cair e o duro chão sob os pés. Deu-se conta de um detalhe de suma importância, até então não levado em conta: por que ela sentia tanto interesse em ver e saber de tudo a respeito do estranho senhor? Parou por um instante e, por bom e longo tempo, tentou raciocinar melhor. Fez a si mesma, por mais de uma vez, a pergunta sobre o seu interesse pelo homem. Como resposta, sentiu que no seu interior os fatos começavam a ficar ainda mais indefinidos. Parecia que todos os seus ordenados pensamentos, depois do dia em que vira o senhor, acabaram por deixar a sua mente bastante confusa. Seu modo de ver as coisas agora parecia estar com menor transparência.

Parecia que tudo, antes sempre tão ordenado em sua mente, agora era um globo de pensamentos indefinidos. Suas ideias pareciam ser ingredientes de um bolo, os quais, sendo jogados na batedeira, de uma hora para outra viravam uma mistura. No momento ela não conseguia definir com clareza o que se passava, mas uma coisa era certa: nada com nada batia cem por cento em sua cachola. O que seria isso? O que poderia estar acontecendo? Estaria ela apaixonada por alguém que somente vira uma vez ao acaso, que bem mais idade tinha e nem perto dela esteve? Que estranha e nova loucura seria essa em sua vida?

Ainda segurando o envelope das fotos com as duas mãos e com a sua bolsa alçada num dos braços,

com decisão firme ela começou a se afastar da loja e retornar para casa.

Nem bem entrou porta adentro e, jogando sobre uma das poltronas a sua bolsa, logo reabriu o envelope. Agora, confortavelmente sentada no sofá, ela olhava uma a uma as fotografias e as analisava detidamente. Procurava um indício, um detalhe qualquer na face do homem que a fizesse se lembrar de alguém conhecido. A foto estava bastante desfocada, parecendo até que ele mesmo a havia batido. Por mais que se fixasse nela, porém, não estava conseguindo encontrar algo que o identificasse. Nada pessoal nem conhecido via na feição do fotografado. Tentava incansavelmente encontrar qualquer detalhe que abrisse o seu horizonte de compreensão, qualquer minúcia que viesse a dar um parecer sobre aquele homem que a deixava tão intrigadíssima. Olhava e reolhava a foto, analisava-a, procurava sinais e detalhes quase microscópicos. Avaliava a paisagem ao fundo e em volta de cada imagem para ver se conseguia definir onde elas haviam sido feitas, mas nada a ela se revelava.

Após um bom tempo, sentindo um leve cansaço pela caminhada e pelo tempo de observação das imagens, jogou-as sobre o tapete e estirou preguiçosamente o seu corpo esbelto e jovial, deixando-se cair com languidez no macio sofá. Apoiando a cabeça num travesseiro de uma extremidade do sofá, fixou o olhar no teto, mergulhada em pensamentos vagos e um pouco turvos, e foi vencida pelo sono.

CAPÍTULO 4

Cecília não conseguiu definir ao certo quanto tempo permaneceu deitada, mas com certeza passara por uma boa soneca. Através do vidro da janela bem ao seu lado, notou um suave lusco-fusco vindo de fora da rua, já a anunciar que o cair da boca da noite se aproximava.

Olhando o relógio, se deu conta de que rapidamente o tempo havia passado. Lembrou-se então de alguns recados que precisavam ser transmitidos e, como se sentisse já um pouco atrasada, pegou o telefone e só o devolveu ao gancho depois de diversas ligações e bom tempo de uso. Algum tempo depois, voltando à sua calma habitual, Cecília ajoelhou-se no tapete e juntou todas as fotos que lá se encontravam, dando outra repassada em todas as fotografias e tornando a repô-las no envelope.

Veio-lhe então à mente que o melhor momento para ligar para o dono das fotos seria naquela hora. Eram umas oito horas da noite e, se ele trabalhasse fora, já deveria estar em casa. Pegou então o telefone e, ainda hesitante, discou o número registrado no envelope. Ouviu o toque do telefone no outro lado da linha e, sem motivo aparente, o seu coração começou a bater mais rápida e fortemente do que de costume. O telefone tocou, tocou e nada. Do outro lado ninguém o atendeu. Veio-lhe, então, a terrível dúvida: “Será que estou fazendo a coisa certa?”.

Por que Cecília estava agindo dessa maneira? Não dando a si o devido tempo, como não querendo nem mesmo ouvir a resposta que viria, que ao certo já estava

formada em seu íntimo, ela novamente, redobrando a coragem, tornou a discar o número. O telefone novamente voltou a chamar e a chamar, mas nada de que ela fosse atendida. Não desistindo e achando que a pessoa talvez houvesse chegado em casa, Cecília voltava a discar. O resultado, porém, era sempre o mesmo: ninguém atendia ao telefonema.

Cecília resolveu deixar para fazer nova tentativa no outro dia, afinal já era um pouco tarde e não era de bom grado ficar ligando àquela hora da noite, principalmente não sabendo para quem ligava e com quem ela falaria. Assim, ainda deitada na cama, apoiada sobre um dos cotovelos e enquanto o sono não lhe chegava, com a outra mão livre ela continuava a segurar e a observar as fotos atentamente.

CAPÍTULO 5

Ao acordar pela manhã, notou que as fotos estavam esparramadas ao redor do envelope sobre o leito. Ficou parada por alguns instantes tal como fizera no dia anterior, mas agora parecia que o misterioso personagem da imagem começava a lhe parecer mais familiar. De certo que a sua figura já estava fixada em sua memória, ao mesmo tempo em que a familiaridade com a imagem do homem misterioso era causa de maior estranheza a tudo que vinha acontecendo. Antes disso, até de pés e mãos juntos ela juraria para si e aos outros que jamais aquela fuça lhe havia aparecido pela frente. Mas agora, a observar melhor os seus olhos, neles notou algo de muito profundo e tocante. A imagem do homem da fotografia mexia profundamente com ela, e então, em tom de brincadeira, enquanto se dirigia para o banho, ela cantarolou: “É o amooor!”.

Após o banho, Cecília correu diretamente para a cozinha, retirou a jarra com suco da geladeira, serviu-se e, enquanto segurava o copo com uma das mãos, com a outra, por diversas e insistentes vezes, rediscava o número do telefone do rapaz das fotos. Como antes, porém, ninguém do outro lado da linha a atendia. De pequenos em pequenos goles, ela foi tomando o suco e continuava a rediscar. Quando se deu conta, havia muito que já havia esvaziado o copo. Depois, apressadamente, ela se vestiu e se encaminhou ao seu prazeroso trabalho de todos os dias.

CAPÍTULO 6

Nos dias que se seguiram, com relação ao homem misterioso e aos telefonemas nada ela conseguiu de positivo. Tentou alternar os horários das ligações, pensando talvez que o horário de trabalho do homem misterioso o levasse a ter folga em momentos diversos de diferentes dias da semana.

Embora mais de duas semanas houvessem se passado, todas as insistentes tentativas para manter contato se mostraram infrutíferas. Aos poucos, a esperança de Cecília de rever o homem ia enfraquecendo. Quando discava o número, que naturalmente já sabia de cor, inconscientemente ela já estava preparada para não ser atendida.

Numa das tantas noites em que olhava o envelope, como de costume, não querendo por nada deste mundo desistir do seu obstinado intento, de um momento para o outro ela tomou a decisão que até em pensamentos tinha evitado. Como constava no envelope o endereço completo do dono das fotografias, era só ir até lá e pronto. Agora, de decisão tomada, não voltaria atrás. Só lhe faltava achar a hora propícia para se dirigir ao endereço indicado.

Como era segunda-feira, o dia em que geralmente ela tinha mais afazeres, sendo que quase todos os seus conhecidos se queixavam de que esse era o pior dia para se tomar alguma atitude ou se iniciar um projeto, Cecília decidiu dar um tempo para sanar a sua ansiedade. Pensou que terça-feira pudesse ser um dia propício para

a ida, mas desistiu. Com relação à quarta-feira, ela também se decidiu a não ir. Com a sua indecisão sempre vinha alguma desculpa para justificá-la, o que assim permaneceu por um tempo.

Por fim, decidiu ir ao endereço do desconhecido no final de semana, achando a tarde de sábado perfeita para isso. Escolheu tal dia e horário porque geralmente os trabalhadores estão de folga durante esse turno. Não era o seu caso, mas ela se levantaria um pouco mais cedo e adiantaria bastante as suas tarefas pela manhã. Depois, ao sobrar um pouco mais de tempo, por conta própria ela tiraria uma folga e com toda a calma iria até onde o misterioso senhor morava. Somente lá ela daria por finda a sua missão.

Sentia-se bastante satisfeita por ter tomado finalmente essa decisão. Sempre fora uma pessoa organizada, inclusive desde os memoráveis tempos de criança. Era seu costume a organização, colocando em prática o que havia aprendido do pai e da mãe. Sentia-se agora mais realizada e feliz, pois começava a manhã de segunda-feira organizadíssima e bem definida sobre o que faria durante a semana.

CAPÍTULO 7

Lá pelas dez e meia da manhã, com seu jeito sempre alegre e bem-humorado, como um furacão ela atravessou, pelos fundos, o portão do restaurante do seu Ananias. Foi cumprimentando e desejando um bom-dia a todos por quem passava, tanto os que se encontravam em alguma função quanto os que se dedicavam ao preparo do almoço que seria servido aos clientes habituais.

Seu Ananias era descendente de portugueses, sendo homem de um grande e bom coração, de muita prosa e, mais ainda, de importantes assuntos. Ele se encontrava, como de costume, sentado atrás da sua escrivaninha e, baixando um pouco a calva cabeça para olhar por cima das lentes dos óculos, avistou Cecília vindo em sua direção. Quando chegou perto dele, com o seu jeito meigo e delicado ela passou os braços sobre os seus ombros. Enquanto o abraçava, carinhosamente o beijava no rosto.

Era sempre assim quando os dois se encontravam, não importando se estavam a serviço, no meio da rua ou em qualquer outro lugar. Tal demonstração de carinho ocorria se o encontro se desse ao acaso e até quando alguém estivesse acompanhado. Mesmo durante importantes reuniões, num ou noutro lugar qualquer, quando eles se avistavam era sempre a mesma coisa: cada um mais atencioso e carinhoso do que o outro.

Aquele dia, como os outros todos, era de bastante serviço no restaurante. Desde os tempos de criança,

Cecília herdou bons hábitos de seus pais, que não menos humanos, prestativos e caridosos o eram. Ela começou bem cedo naquela função e o primeiro a apoiá-la em sua iniciativa humanitária foi o amigo Ananias, mais conhecido como Portuga. Naquela época ela era bem pequenina, ainda uma criança, contava com pouco mais de 12 anos. Estudava somente no turno da tarde e, apesar da relutância dos pais de não quererem vê-la tão cedo assumindo grandes compromissos, tudo fora em vão. Todas as manhãs, inclusive aos domingos e feriados, ela se encarregava de ir ao restaurante do seu Ananias, onde, na parte dos fundos, executava as suas funções. Estava já acostumada a essa labuta, sendo parte da sua rotina.

À medida que cada cliente terminava de almoçar, os garçons, em cada uma das mesas em que passavam, retiravam os pratos e separavam higienicamente as sobras que estavam intocadas. Em sua enorme mesa, especialmente confeccionada para tal fim, cuidadosa e carinhosamente Cecília recebia as sobras e selecionava os alimentos que restavam nas mesas do restaurante – o que era bastante comum, devido ao excesso de comida servida pelos clientes.

As sobras, depois de devidamente selecionadas em porções medidas, eram inicialmente condicionadas em marmitas. Mais tarde, à medida das necessidades surgidas, eram distribuídas entre os mendigos e as famílias menos favorecidas que moravam nos bairros, nas periferias e na própria pequena cidade de Nova Realidade do Rio do Pouso – local onde Cecília nascera.

Logo depois que começara a executar essa função, ela convenceu o pai, mais facilmente do que a sua mãe, a